

## Educação de surdos: da pedagogia à medicina nas deliberações dos congressos de professores de surdos no final do século XIX

### Deaf education: from pedagogy to medicine in the deliberations of congresses of deaf teachers at the end of the 19th century

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[profaluvieiramachado@gmail.com](mailto:profaluvieiramachado@gmail.com)

José Raimundo Rodrigues<sup>2</sup>  
Prefeitura Municipal de Vitória  
[educandor@gmail.com](mailto:educandor@gmail.com)

#### Resumo:

No final do século XIX aconteceram vários congressos sobre educação de surdos, realizados tanto por professores ouvintes quanto pelos próprios surdos. Observando este cenário, o artigo objetiva mostrar como a medicina vai aos poucos se fundindo com a pedagogia na medida em que há uma compreensão de que uma nova população poderia ser educada e esquadrihada. Assim, procuramos problematizar com a intercessão da obra *O Nascimento da Clínica: uma arqueologia do olhar médico* de Michel Foucault, sobre como na Seção dos Ouvintes no congresso, realizado em Paris, 1900, há uma valorização da medicina como elemento essencial no processo educacional de surdos, diferentemente dos outros congressos, uma vez que se constitui como uma grande retomada das deliberações de Milão (1880) e marca a agregação da medicina como fundamento

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

<sup>2</sup> Prefeitura Municipal de Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

determinante para a condução de práticas educacionais dos estudantes surdos. Desde uma abordagem foucaultiana, a partir de um exercício arqueogenealógico, tomamos o documento do congresso como parte de um arquivo maior de fontes do século XIX sobre a educação de surdos.

**Palavras-chave:** Educação de surdos; 1900 - Congresso de Paris - Seção de Ouvintes; Medicina e Pedagogia.

**Abstract:** At the end of the 19th century, several congresses on deaf education took place, organized by both hearing teachers and the deaf themselves. Observing this scenario, this article aims to demonstrate how medicine gradually intertwines with pedagogy as there is an understanding that a new population could be educated and examined. Thus, we seek to problematize, with the intercession of Michel Foucault's work *The Birth of the Clinic: An Archaeology of Medical Perception*, how in the Hearing Section of the congress held in Paris in 1900, there is an emphasis on medicine as an essential element in the educational process of the deaf, unlike other congresses. This event represents a significant resurgence of the decisions made in Milan (1880) and marks the inclusion of medicine as a determining foundation for the conduct of educational practices for deaf students. Through a Foucauldian approach and utilizing an archeogenealogical exercise, we take the congress document as part of a larger archive of 19th-century sources on deaf education.

**Keywords:** Deaf education; 1900 - Congress of Paris - Section of Listeners; Medicine and Pedagogy.

## **Introdução: um convite a uma autópsia da história da educação de surdos**

Nas discussões sobre a educação dos surdos no final do século XX e início do século XXI emergem narrativas propondo uma leitura da educação de surdos com base em uma abordagem clínica e terapêutica institucionalizada e impulsionada pela filosofia oralista. Autores como por exemplo, Carlos Sanchez (1990), em seu livro “La increíble y triste historia de la sordera”; Harlan Lane (1992), em seu livro “A máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada”; Oliver Sacks (1989, porém sua tradução para o português datando de 1998), em seu livro “Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos”, dentre outros, ganham destaque nas pesquisas desse período, com argumentos, inclusive de natureza histórica, sobre como o oralismo se configura como uma perspectiva opressora para o indivíduo surdo, perpetuando uma pedagogia ortopédica.

A visão histórica compartilhada por esses autores aponta para o estabelecimento do método oral puro como o padrão de ensino preferencial para os surdos, consolidado pelo notável Congresso Internacional para o Melhoramento da Sorte dos Surdos-mudos em Milão, Itália (doravante referido como Congresso de Milão de 1880), realizado de 6 a 11 de setembro de 1880. Consequentemente, essa perspectiva clínica enraizada nesse método é identificada como sua “origem”. Essa narrativa, por sua vez, vem ganhando força entre os

defensores do bilinguismo, que o veem como uma alternativa para romper com a opressão clínica do oralismo na educação dos surdos.

Diversos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros(as) têm se posicionado em relação ao oralismo como o oposto do bilinguismo, fundamentando-se, em parte, nos argumentos dos autores supracitados. Em 1993, Ferreira Brito, por exemplo, já delineava essas duas abordagens de educação para surdos. Sobre o oralismo, a autora o define como: “[...] o aprendizado da língua oral com o objetivo de aproximar o surdo o máximo possível do modelo ouvinte, a fim de integrá-lo socialmente [...]” (FERREIRA BRITO, 1993, p. 27). Embora os termos “clínico” e “terapêutico” ainda não estejam explicitamente empregados, suas influências podem ser detectadas de outras maneiras.

Exemplificando com Quadros e Goldfeld, que em 1997 advogam pelo bilinguismo, as pesquisadoras discutem que “o oralismo enfatiza a língua oral em termos **terapêuticos**” (QUADROS, 1997, p. 22 - ênfase nossa) e que “a criança surda deve, então, submeter-se a um processo de **reabilitação** que se inicia com a estimulação auditiva precoce [...]” (GOLDFELD, 1997, p. 32 – ênfase nossa). Trouxemos essas pesquisadoras apesar de reconhecermos que há outros acadêmicos que se dedicam às questões bilíngues na educação de surdos como resposta para superar o uso clínico do oralismo na formação desses indivíduos<sup>3</sup>.

No contexto brasileiro, essa discussão ganha uma dimensão considerável quando se delineia uma oposição binária entre o modelo *clínico-terapêutico* e o modelo *sócio-antropológico* da surdez (ambos com hífen), tal como defendido por Skliar em 1997. Ao estabelecer esses modelos de observação sobre os surdos e a surdez, o autor endossa o entendimento dos autores que debatiam previamente o conflito entre o oralismo e o bilinguismo, reforçando o ponto de vista de que o Congresso de Milão de 1880 foi um divisor histórico na educação de surdos, delineando a história em antes e depois desse evento. O modelo clínico-terapêutico sobre a surdez é concebido como se tivesse existido desde sempre, com o próprio anúncio da data de seu “nascimento”:

Durante o último século, e especificamente no período que compreende alguns anos antes da celebração do congresso de Milão de 1880 [...] e até a aparição de outras alternativas metodológicas e educativas até o fim da década de 70 do último século, os surdos foram objetos de uma única e constante preocupação por parte dos ouvintes: a aprendizagem da língua oral e, como se fosse uma consequência direta, sua integração ao mundo dos demais... ouvintes e normais (SKLIAR, 1997, p. 77).

O autor também afirma que, dada a influência significativa das decisões desse congresso, é possível afirmar que ocorreu uma ruptura radical na história da educação de surdos em dois grandes períodos: o primeiro, que abrange meados do século XVIII até metade do século XIX, caracterizado por “experiências

---

<sup>3</sup> É impossível em um artigo fazermos um rastreamento profundo sobre a emergência dos termos clínico e terapêutico nas pesquisas brasileiras. Contudo o rastreamento da emergência desses termos vem sendo feito pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos (GIPLES/CNPq/Ufes).

educacionais utilizando a linguagem de sinais” (SKLIAR, 1997, p. 77); o segundo período histórico inicia-se após 1880, com o “[...] predomínio absoluto de uma única equação, segundo a qual a educação de surdos se reduz à língua oral” (SKLIAR, 1997, p. 77).

Com o imperativo do ensino da língua oral para as crianças surdas e, conseqüentemente, com a drástica diminuição do uso dos sinais na educação dos surdos, o autor defende que tal movimento enquadra-se dentro do modelo clínico-terapêutico em oposição ao modelo sócio-antropológico. Segundo Skliar (1997, p. 79): “O modelo clínico-terapêutico impôs uma visão estritamente relacionada com a patologia, com o *déficit* biológico, com a surdez do ouvido, e se traduziu educativamente em estratégias e recursos de índole reparadora e corretiva”.

Assim, o autor determina que medicalizar a surdez significa orientar toda ação em direção à cura da surdez; à aquisição da fala; à correção dos defeitos da mesma; ao treinamento de habilidades menores como a leitura labial e a articulação. “Significa também opor e dar prioridade ao poderoso discurso da medicina, frente à débil mensagem da pedagogia, explicitando que é mais importante esperar a cura [...]” (SKLIAR, 1997, p. 79). E, por fim, o autor define então o oralismo como representante fiel de uma organização metodológica e institucional dessas ideias. Apesar de mais à frente o autor expor sobre o modelo sócio-antropológico da surdez como alternativa ao modelo clínico-terapêutico, neste texto, vamos nos ater sobre como essa oposição binária foi lastro de grande parte (senão a maioria) dos trabalhos acadêmicos posteriores.

Por isso, vamos aqui propor uma autópsia da história da educação de surdos, com o objetivo de fazer a crítica radical ao modelo clínico-terapêutico, demonstrando como a medicina tem gradualmente se entrelaçado ao longo da história, indo além da metanarrativa tradicional da oposição clínico *versus* antropológico.

Para essa empreitada, na seção “Abram alguns cadáveres” da história da educação de surdos, vamos discutir a metodologia de análise dos documentos a partir do método serial com os seguintes documentos: Atas oficiais do Congresso de Milão 1880 registradas por Pasquale Fornari, bem como o posterior, Congresso de Paris 1900. Para que assim, na seção “Ver, saber”, possamos refletir sobre como as questões da medicina vão se fundindo com a educação dos surdos, em que problematizamos a ideia de que a perspectiva clínico-terapêutico não nasce na história da educação dos surdos a partir do Congresso de Milão (1800), mesmo quando o método oral puro é tido como o principal método para se educar os surdos-mudos do final do século XIX, tornando-os surdos-falantes. E, por fim, nas Considerações finais, tentamos mostrar como tornamos “O invisível, visível” na retomada das discussões dos documentos exumados.

## **1 Abram alguns cadáveres...**

Abrindo os documentos-monumentos sobre a educação dos surdos como cadáveres, partimos da exumação deles, fazendo um recuo histórico para construir a crítica radical do modelo clínico-terapêutico sobre a surdez produzido no século XX e internalizado como verdade absoluta no século XXI. Foucault, em

seu livro *O nascimento da clínica*, afirma que: “para contornar uma série de objeções, pareceu não ser preciso modificar a estrutura do olhar clínico: não basta olhar os mortos como se olham os vivos?” (FOUCAULT, 2004, p. 148).

Metodologicamente, nosso trabalho documental se dá a partir de uma organização serial que segundo Deleuze (2005, p. 31) “[...] permite a construção de uma série na proximidade de um ponto singular, e a busca de outras séries que a prolonguem, em outras direções, ao nível de outros pontos”. Assim, é baseado num movimento de colocar em suspenso algumas verdades sobre a educação de surdos e, na busca por compreender suas regularidades, debruçarmo-nos sobre textos pouco popularizados. Não objetivamos com esses textos encontrar uma verdade substitutiva daquelas emanadas e reproduzidas nas últimas décadas. Desejamos problematizá-las e consideramos que o recurso aos documentos, longe de serem usados como provas cabais de outras assertivas, é um deixar-se provocar por palavras que ditas no passado podem ecoar em nosso presente. Portanto, dialogamos com textos que nos evocam uma desnaturalização da perspectiva clínico-terapêutica.

As decisões de Milão são constantemente recordadas em trabalhos que abordam a educação de surdos, contudo, devido principalmente ao fato de não se ter ainda traduzido o texto oficial elaborado por Fornari, percebe-se que há muitas repetições de “verdades” sem a devida consulta ao que os documentos permitem problematizar.

Também em decorrência da escassez de publicações sobre os congressos, em ambiente brasileiro, há um hiato na história da educação de surdos. Em termos práticos, a partir de um relatório não oficial de Milão, que trazia suas deliberações, e um texto oficial da seção de ouvintes ocorrida vinte anos depois, produz um espaço de tempo não preenchido. E assim a questão se levanta: o que poderia ter existido neste intervalo de tempo?

Numa escavação arqueogenealógica, outros materiais foram encontrados, causando surpresa pois há uma riqueza de dados a partir de outros congressos internacionais sobre a educação de surdos, alguns elaborados por professores e outros por associações de surdos entre 1880 e 1900. Portanto, nas duas últimas décadas do século XIX, na Europa, tivemos vários congressos que se debruçaram sobre a educação de surdos. Milão (1880) não é, pois, um monolito isolado a ser rechaçado sem uma leitura crítica.

As resoluções discutidas e decididas no Congresso Internacional de Educação para Surdos, realizado em Milão em 1880, observavam os desejos específicos de grupos de especialistas e algumas instituições que praticavam o método, chamado “método oral puro”. Além do que as práticas de sucesso nas instituições educacionais que atendiam os estudantes surdos eram sempre questionadas.

Desta forma, podemos questionar também se a tão proclamada proibição das línguas gestuais definida em Milão foi de fato o principal motivo de seu acontecimento e se, ao fim e ao cabo, ocasionou um quase extermínio dessas línguas como ecoa nas narrativas hegemônicas. “Milão” parece-nos ser o documento mais conhecido e veiculado como verdade absoluta em meio a outros documentos dos demais congressos de educação de surdos ocorridos no final do século XIX. Sendo assim, pode-se afirmar que outras verdades também foram anunciadas e se dão a conhecer, fazendo-se necessário rever muito dessa história.

Este preâmbulo que contextualiza a pesquisa se faz necessário para uma melhor compreensão acerca das escolhas metodológicas aqui descritas. Considerando que a educação dos surdos, tanto no Brasil quanto em toda a América, sofre, historicamente, influência direta da França e hoje a educação de surdos se encontra ligada aos efeitos das resoluções dos congressos realizados no final do século XIX, faz-se necessário um estudo bibliográfico para encontrarmos os indícios e fontes que nos levem a desvendar os silenciamentos produzidos a respeito dessa temática. Assim, não é possível olhar para o presente de forma produtiva deixando o passado escapar.

Em nossa pesquisa bibliográfica, olhamos para o documento como um monumento, tal como afirma Le Goff:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo (LE GOFF, 2013, p. 496-497).

Para que seja possível fazer análises de diferentes formas a partir dos documentos traduzidos, junto a Le Goff, os escritos de Michel Foucault e de suas noções de verdade e de documento-monumento serão fundamentais para uma análise monumental e documental das fontes:

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou o que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam os rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto (FOUCAULT, 2005a, p. 8).

Segundo Foucault (2014, p. 288) “[...] as pessoas são mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída”

Ainda na esteira de Foucault, contamos com o “*a priori histórico*” como um único *a priori* possível, pois nenhuma verdade está passível de não ser problematizada. Qualquer regime de verdades produzido pela leitura enviesada, a partir dos documentos históricos, desmoronam. Para Foucault:

O *a priori histórico*, efetivamente, não designa a condição de validade dos juízos, nem busca estabelecer o que torna legítima uma asserção, mas sim as condições históricas dos enunciados, suas condições de emergência, a lei de sua coexistência com outros, sua forma específica de ser, os princípios segundo os quais se substituem, transformam-se e desaparecem. [...]. Trata-se definitivamente da regularidade que tornam historicamente possível os enunciados (CASTRO, 2009, p.21).

Neste contexto, por meio de uma análise do *corpus* documental, deve-se problematizar como os documentos são fundamentais para a constituição de uma verdade que teve profundo impacto na história da educação de surdos ao considerar apenas o método oral puro como ideal e legítimo.

Metodologicamente, esta pesquisa se propõe a olhar para os documentos-monumentos como arquivo. Esta noção, cunhada por Foucault (2005a), não se trata do conjunto de documentos antigos do próprio passado, textos acumulados sobre uma determinada cultura, nem mesmo os registros a fim de manter a memória feitas por alguma instituição, mas trata-se de:

[...] sistema de discursividade, as possibilidades e as impossibilidades enunciativas que ele produz. O arquivo, é de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (FOUCAULT, 2005a, p. 147).

O arquivo é um conjunto de enunciados produzidos em uma dada época e que continuam ressoando através da história. São as regularidades discursivas que precisam ser compreendidas por meio das práticas, regras e condições de funcionamento. Entender que os discursos são produzidos de forma “[...] controlada, selecionada, organizada e distribuídas por certo número de procedimentos [...]” (FOUCAULT, 2005b, p. 9), que têm como função principal conter qualquer possibilidade outra da produção discursiva, pensando naquilo que é o “desejável” para uma dada época, ou seja, não permitir que o discurso aconteça sem um certo domínio de sua materialidade.

Olhar para os documentos que contam sobre a história da educação como arquivo, em certa medida, é um desafio, pois a história contada sobre o Congresso de Milão (1880) é uma invenção recente e se dá a partir de suas decisões ecoadas historicamente como uma massa amorfa. E, assim, constitui-se como uma

verdade e produz oposições binárias como surdos *versus* ouvintes, oralismo *versus* línguas de sinais, e tantas outras possibilidades. Destarte, também é um desafio compreender que as metanarrativas construídas sobre essas oposições binárias não se sustentam na medida que os documentos vão se materializando.

Um cadáver pode passar décadas, séculos, sem jamais ser conhecido. O documento oficial acerca do Congresso de Milão, não traduzido em língua portuguesa, constitui-se como material para inúmeras análises e as mais diferentes perspectivas teóricas. Pasquale Fornari legou-nos um texto rico de elementos sobre aquele evento e que, lido no conjunto mais amplo dos outros documentos que também falam de Milão, faz-nos questionar o *status* imposto àquela reunião. Fornari nos apresenta desde os participantes até os processos de deliberação da decisão de priorizar o método oral puro, passando por muito explícitas articulações políticas e claras menções à complexidade do que era vivido na época acerca da educação de surdos.

Justamente a leitura de Fornari lançou-nos em contato com o texto do evento anterior, impulsionando-nos ainda mais na busca por informações. Lyon é outro texto a ser exumado para que o dito sobre Milão possa ser relativizado, contestado, mas, acima de tudo, nos comover numa ação de inquietude, de renúncia ao sabido e disposição ao ver-se frente ao novo. O congresso francês de 1879 nos faz sair de uma rota segura para percebermos que naquele desvio, discretamente anunciado pelas atas de Fornari, encontravam-se pistas fomentadoras de indagações. Assim, podemos afirmar que foi Fornari quem nos encaminhou até Lyon e exigiu-nos sua abertura.

O terceiro corpo textual sobre o qual nos movimentamos é o da Seção dos Ouvintes do Congresso Internacional para Estudo das Questões de Educação e de Assistência dos Surdos-Mudos, ocorrido de 06 a 08 de agosto de 1900. Este documento, traduzido pela Série Histórica do INES, por sua vez, parece nos pedir um olhar desconfiado desde a Seção dos Surdos-Mudos, resultado do evento simultâneo, mas ainda não traduzido. O Congresso de Paris, 1900, foi uma reunião em que, claramente, são apresentadas propostas muito distintas para a educação de surdos em cada uma das seções. Lidos complementarmente, esses textos rasuram o que pensávamos e reproduzíamos, pedindo-nos uma outra fala sobre a educação de surdos.

## 2 Ver, saber...

Nos propomos ver e saber a partir da abertura dos documentos-cadáveres para problematizar as verdades produzidas e proliferadas sem um tratamento profundo e adequado das fontes documentais e monumentais primárias. Segundo Foucault, na já citada obra *O nascimento da clínica*:

São ao mesmo tempo os privilégios de um olhar puro, anterior a toda intervenção, fiel ao imediato, que ele retoma sem modificar, e os de um olhar equipado com toda armadura lógica que exorciza desde o início a ingenuidade de um empirismo não preparado. É necessário descrever agora o exercício concreto de tal percepção. O olhar que observa se abstém de intervir: é mudo e sem gesto. [...] O correlato da observação nunca é o invisível,

mas sempre o imediatamente visível, uma vez afastados os obstáculos que as teorias suscitam à razão, e a imaginação aos sentidos (FOUCAULT, 2004, p. 117).

No exercício de exorcizar a ingenuidade de um empirismo não preparado e movimentar um olhar equipado com toda armadura lógica, retomamos aqui algumas discussões sobre o famoso Congresso de Milão, uma vez que, como já mencionado acima, é um evento que tem sido marcado como sendo um divisor de águas na educação dos surdos e produzindo assim o que se denomina modelo clínico-terapêutico.

Segundo Vieira-Machado e Rodrigues (2022), compreende-se que discutir alguns pontos do Congresso de Milão pode sugerir uma espécie de saturação, pois a grande maioria das pesquisas que se dedicam a educação de surdos no século XX e XXI sustentam baluartes em torno das “memórias” construídas sobre esse congresso. E, das tantas narrativas entrelaçadas - quase emboladas - podemos nos sentir fartos e cansados delas.

Se acreditamos que Milão não passa de uma memória saturada, acreditamos também que retomá-la é mexer com alguns bastiões que escoram essa memória, criando ilusões e tecendo verdades das quais vale a pena duvidar. Nas palavras de Robin (2016, p. 31-32): “[...] recalques, deformações, transferências e novas ligações com as lendas, tudo se mistura. [...] como as antigas lembranças se amalgamam com lembranças mais recentes desassociadas de seu contexto, readaptadas, reconfiguradas, dando origem ao que poderíamos chamar de quase lendas [...]”.

Portanto, essas “quase lendas” acabam se apoiando apenas parcialmente, segundo a autora, em fatos, mas tornam-se defasadas e constroem narrativas padronizadas e fixadas para fins políticos, econômicos e até religiosos. “Nesse caso, também, presente imediato, passado próximo, lembranças distantes e lendas se tecem, se destecem uns nos outros” (ROBIN, 2016, p. 32).

Segundo Robin (2016) é necessário fugir da memória como objeto de vigilância, da museificação, sacralização, judicialização, banalização e instrumentalização. Destarte, com a autora, fazemos interrogações cruciais: Como desenvolver formas de memória fora da rotina e do ritual desencarnado? Como situar uma estética e uma ética da responsabilidade sem cair na armadilha dos “abusos da memória” ou da dicotomia durante muito tempo predominante entre um dever de memória e um trabalho de memória? (ROBIN, 2016, p. 21).

Ainda nesta seção, para continuar o exercício de ver e saber, vamos fazer o movimento de compreender a seção dos ouvintes do Congresso de 1900, ocorrido vinte anos após Milão, em que podemos perceber com mais clareza o que Foucault (2004) vai nos dizer:

É então que esse olhar que se detém à beira de toda intervenção possível, de toda decisão experimental, esse olhar que não modifica, mostra que sua reserva está ligada à solidez de sua armadura. Não lhe basta, para ser o que deve ser, exercer sua prudência ou seu ceticismo; o imediato sobre o qual se abre só enuncia a verdade se é ao mesmo tempo a origem, quer dizer, ponto de partida, princípio e lei de composição; e o olhar deve restituir como verdade o que foi produzido segundo uma gênese: em outros termos, deve reproduzir

nas operações que lhes são próprias o que foi dado no movimento mesmo da composição. Nisso, justamente, é analítico. [...] A observação clínica supõe a organização de dois domínios conjugados: os domínios hospitalar e pedagógico (FOUCAULT, 2004, p.119).

Mobilizados por Foucault, pretendemos exercer esse olhar prudente e analítico para restituir, a partir de sua solidez e ceticismo, as verdades destacadas nas fontes históricas primárias sobre a aproximação da medicina nas práticas pedagógicas na educação dos sujeitos surdos. Assim, exerceremos uma crítica radical, tentando afastar as verdades ingênuas de um empirismo despreparado, sendo estas proliferadas discursivamente.

## 2.1 Congresso de Milão - 1880<sup>4</sup>

Como já destacado acima, temos as atas oficiais do Congresso de Milão escrita pelo secretário Pasquale Fornari traduzidas para a língua portuguesa, porém ainda não publicadas. Consequentemente, torna-se praticamente inviável a leitura aprofundada das questões debatidas e discutidas no referido congresso a fim de produzir reflexões sobre como tão importante evento causou impacto para a comunidade surda. Sabemos da grandiosidade de tal evento, porém, deixamos claro que não foi um evento único, pois, antes e depois dele, outros eventos foram produzidos para discutir ou rechaçar as decisões tomadas em 1880.

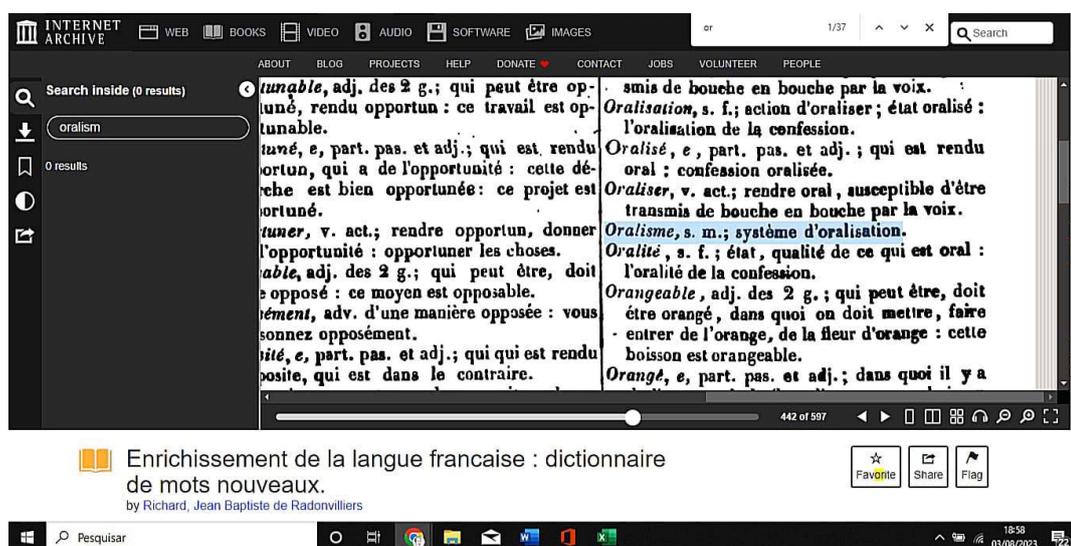
Como nosso objetivo é debater a aproximação da medicina com a educação dos surdos, vamos traçar aqui de forma resumida as discussões e o perfil dos participantes de tal evento. A verdade constantemente proliferada é que este evento, ao determinar o método oral puro como o melhor método para educar os surdos, produz uma espécie de oralismo que institucionaliza a perspectiva clínico-terapêutica dos surdos.

Vieira-Machado e Mattos (2019) tecem problematizações sobre o conceito “oralismo”, uma vez que, ao se depararem com os textos originais, esta palavra/conceito pouco aparece e a falta de contato com tais documentos faz com que o oralismo e o método oral puro tornem-se sinônimos, propiciando a invenção da perspectiva clínica sobre a surdez. Compreendemos que colocar o oralismo em suspenso é um movimento muito complexo, já que ele vem “estado desde sempre aí”, sem leituras mais aprofundadas sobre sua emergência. Esse conceito é importante em nosso tempo para se opor ao bilinguismo e produzir oposições binárias como surdo X ouvinte, oralismo X bilinguismo e, consequentemente, o modelo clínico-terapêutico X modelo sócio-antropológico.

---

<sup>4</sup> Mais detalhes sobre o Congresso de Milão, 1880, ver as seguintes produções: VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa; RODRIGUES, José Raimundo. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880): um desafio historiográfico. (2022). *Revista Brasileira de História da Educação*, 22. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e202>; VIEIRA, Eliane Telles de Bruim. *Práticas pedagógicas na educação de surdos: circuitos de transnacionalização entre documentos-monumentos, regularidades discursivas e contracondutas em questão*. Vitória/ES: Tese doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, 2022. <[https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal//tese\\_16229\\_Tese%20Eliane%20Vieira%20Finalizada%20Atual.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_16229_Tese%20Eliane%20Vieira%20Finalizada%20Atual.pdf)>

Ao ler as fontes primárias já destacadas, o termo oralismo surge anos antes de Milão no dicionário francês *Enrichiment de la langue francaise: dictionnaire de mots nouveaux*, publicado em 1845, como sinônimo do método da articulação. O fato do termo ser cunhado em uma enciclopédia na França nos dá indícios de que é um termo recorrente. A afirmação que o oralismo surge com Milão, demonstra uma leitura desatenta e desconhecida das fontes documentais. Os usos desse termo vão se transformando ao longo do tempo e, em nossa contemporaneidade, aparece como uma ideologia oposta ao bilinguismo. Tal leitura é reducionista e produz invisibilidades históricas de seus principais defensores ou mesmo opositores ao método.



Fonte: RICHARD, J. B. (1845). *Enrichiment de la langue francaise: dictionnaire de mots nouveaux* <<https://archive.org/details/enrichissementd00richgoog>>

Para entendermos melhor sobre como o oralismo/modelo clínico-terapêutico se aproxima das práticas pedagógicas, podemos deixar-nos provocar pela lista de participantes do Congresso de Milão. Dos 255 nomes listados, com as respectivas funções, temos um percentual pequeno de representantes que exerciam alguma função clínica, tendo, em sua grande maioria, religiosos e profissionais ligados a funções pedagógicas nos institutos.

Determo-nos em tal lista e, especificamente, nos nomes daqueles profissionais vinculados à área da saúde, possibilita um outro olhar sobre Milão. Constam 15 profissionais apresentados sob a titulação de doutores: Achille Colombo, clínico geral, e Francesco de Magri, médico oculista, ambos com atuação no Instituto de Surdos-Mudos Carentes de Milão; Cesare Fumagalli, médico cirurgião; Paolo Gemelli, médico cirurgião; Edoardo Grandi, médico cirurgião e professor de anatomia; Giuseppe Sapolini, doutor em fisiologia; Gaetano Denaglia, médico; Giuseppe Terruzzi, dentista (esses 06 ligados ao Instituto Real de Surdos-Mudos de Milão); Arthur Hartmann, médico aurista de Berlim; Edoardo Fournié e Louis-Ernest

Peyron, médicos do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris; Gardner, doutor em medicina da Inglaterra; Mathias, de Friedberg; Queyrel, do Instituto de Surdos-Mudos de Marselha; Edmund Symes-Thompson, médico em Ealing e vice-presidente da Sociedade de Formação de Professores segundo o método oral puro.

O número reduzido de profissionais da saúde contrasta com a quantidade de membros do Congresso de Milão que atuavam na educação. Todavia, a presença desses profissionais sugere uma preocupação muito maior com o âmbito pedagógico do que com uma definição clínica sobre a surdez. Outro elemento importante da listagem é o fato de que eles participavam enquanto membros honorários do evento, tendo sua condição de votantes limitada à solicitação em caso de uma dúvida técnica a ser sanada por especialista. Da lista ainda nos surgem questionamentos quando temos uma clara vinculação de Symes-Thompson com a Sociedade de Formação de Professores segundo o método oral puro. Sociedade esta que teve grande protagonismo nas apresentações de Milão.

Vieira-Machado e Rodrigues (2022) trazem à tona dois eventos anteriores a Milão, ou seja, Paris, 1878 e Lyon 1879, em que já se discutia a necessidade de mapeamento da população surda por meio da estatística e suas primeiras aproximações com a medicina.

De 23 a 30 de setembro de 1878 aconteceu em Paris o Congresso Universal para o Melhoramento do Destino dos Cegos e dos Surdos-mudos. Um grupo de 52 professores de surdos e dois surdos participaram do evento e realizaram uma sessão-particular que tinha como objetivo discutir o seguinte programa:

1ª jornada: 1º – Sobre a necessidade de uma estatística geral; 2º – Psicologia do surdo-mudo;

2ª jornada: 3º – Sobre o papel da família no cuidado do jovem surdo-mudo; 4º – O jovem surdo-mudo pode ser admitido nas escolas de estudantes-ouvintes?;

3ª jornada: 1º – Métodos e procedimentos, sua unificação; 2º – Plano de estudos; 3º – livros escolares;

4ª jornada: 4º – Admissão dos dois sexos no mesmo estabelecimento; 5º – Recrutamento de professores; 6º – Estado atual do ensinamento; 7º – Quais são as causas que até agora têm impedido de alcançar resultados satisfatórios no ensino surdos-mudos?;

5ª jornada: 1º – Como preparar e garantir a independência e manutenção dos surdos-mudos após a saída das instituições?; 2º – Qual a proporção de surdos-mudos que, pelo seu trabalho, conseguiriam suprir suas necessidades?; 3º – Como fazer desaparecer os mendicantes e vagabundos? ? (LA ROCHELLE, 1878, p. 27-28, tradução nossa *apud* VIEIRA-MACHADO; RODRIGUES, 2022, p. 8 e 9).

Olhar para trás, em congressos anteriores a Milão, podemos observar como a pedagogia vai se aliando a outras disciplinas como a estatística e a medicina a fim de esquadriñar o corpo surdo na medida em que seria possível consertá-lo e transformá-lo em surdo-falante.

Há uma junção de estatística e medicina que será determinante para o futuro da educação de surdos. Procurando rastrear as origens da surdez pela estatística e consertar o corpo surdo pela medicina, no evento de Paris (1878), os congressistas votam 12 deliberações: sobre necessidade de uma estatística a respeito dos surdos; análise médica sobre os casamentos entre surdos; acesso dos surdos-mudos à educação; papel das famílias, particularmente, em relação à higiene e aprendizado dos sinais naturais; admissão dos surdos em escolas comuns; preferência por estabelecimentos distintos para surdos e surdas; necessária iniciativa dos poderes públicos para desenvolver meios adequados à educação dos surdos; transferência da educação de surdos para o Ministério da Instrução Pública; adequação dos estudos de acordo com o nível intelectual; necessidade de formação de professores de surdos; periodicidade dos congressos internacionais, a cada três anos, e nacionais, a cada dois anos (LA ROCHELLE, 1878 *apud* VIEIRA-MACHADO; RODRIGUES, 2022, p. 9).

Vale ainda ressaltar que no evento de Lyon<sup>5</sup>, 1879, um ano antes de Milão, o método combinado foi o mais defendido e teve o maior número de votantes. E também vale afirmar que nas discussões no Congresso de Milão, Pasquale Fornari recorda que, 20 anos antes, o filósofo Adolf Franck rechaça o método oral como único método de ensino para surdos. Ou seja, as tensões da existência do oralismo e as lutas por um melhor método para o ensino de surdos emergem muito antes de Milão.

## 2.2 Congresso de Paris 1900 - Seção dos ouvintes

Uma das questões do programa do Congresso era: “É de se desejar que seja estabelecida uma colaboração mais íntima do que já existe até o presente entre os médicos e os professores nas escolas de surdos-mudos?” (LACHARRIÈRE et al., 1900, p. 202). O padre Giulio Ferreri, representante da Itália, responde à questão antecedendo a formulação da deliberação que foi unanimemente votada.

Ferreri inicia sua reflexão apontando para uma suposta oposição entre educação e medicina e defende a participação dos otologistas, juntamente com outras ciências nascentes, na educação de surdos:

---

<sup>5</sup> É possível ler na íntegra o relatório desse congresso em: RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa. Primeiro congresso nacional para o melhoramento das condições dos surdos-mudos - Lyon - 1879. *História da Educação*, vol. 23. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. <<https://www.redalyc.org/journal/3216/321660471051/html/>>

A este respeito devo dizer algumas palavras com o objetivo de combater a ideia preconcebida de que os educadores são adversários dos médicos. Não tenho necessidade de repetir aqui o que, a este respeito, tive ocasião de escrever após 1888, pois antes de tudo devo lembrar que já em 1884, meu venerado mestre, o padre Pendola, invocava a intervenção do médico para o exame de cura do pequeno surdo-mudo. Limitar-me-ei, em consequência, ao que escrevi mais recentemente sobre o diagnóstico da surdez-mudez: “Este estado patológico é, e ainda permanece, tão complexo, que precisa constantemente do olho esclarecido e amigável dos otorrinos e dos professores. Os progressos da escola moderna, de fato, certificaram que a surdez-mudez não é somente um estado patológico do qual a profilaxia e a etiologia se bastam nos conhecimentos das alterações anatomo-fisiológicas correspondentes, mas é também um estado de psicologia patológica. Ora este estado não poderia ser esclarecido convenientemente senão por experiências repetidas e por uma pesquisa constante e extensa que contasse com todos os meios que dispõe hoje a otologia moderna, unidas aos que a psicologia moderna experimental encontrou na evolução dos defeitos psíquicos nos idiotas e nos fracos de inteligência (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 202).

Para Ferreri, ao tratar de uma possível distinção entre surdez e mudez, diferenciando-as ou estabelecendo nexos entre elas, paradoxalmente, sugere a necessidade de uma compreensão do surdo desde a sua individualidade, contudo, argumenta em favor de uma noção de ciência clínica que compreende esse sujeito também na sua condição de população. A reflexão do sacerdote italiano parece trazer uma emergência de conhecimentos a partir do contato com os surdos, desde as práticas dos institutos.

Acreditava-se até os últimos tempos que bastaria conjecturar aproximadamente se a surdez, que era causa do mutismo, era de natureza congênita ou adquirida, parcial ou total, periférica ou central. De acordo com essa classificação, autorizava-se a decidir sobre a importante questão dos métodos de ensino aplicáveis na escola de surdos-mudos. No entanto, a experiência hoje demonstrou, até a evidência, que se pode aplicar aqui o aforismo da psicologia patológica há muito aplicada ao idiotismo, que diz: «não existe idiota, mas somente idiotas»; «não existe surdez-mudez» - podemos dizer assim «mas existem somente surdos-mudos» (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 202-203).

Aprofundando a questão sobre possíveis outras deficiências associadas à condição dos surdos-mudos, Ferreri não descarta as classificações etiológicas dos problemas de audição (fônicos, ideológicos e motores), mas credita à medicina a verificação de certa patologização, validando o diagnóstico como elemento essencial na definição do que poderia ser ofertado aos surdos em matéria de educação:

Dever-se-ia também se levar em consideração as anomalias de esfera intelectual, sensorial e motora das faculdades da locução e encontrar onde o problema se limita nos primeiros centros (e aos quais); ou se compreendem os segundos (e quais dentre eles) ou se ele se estende entre uns e outros numa lesão comum derivada de uma grave afecção patológica ou de um conjunto de problemas graves centrais, congêntos ou adquiridos (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 203).

O autor finaliza afirmando a necessidade de um diagnóstico perfeito que impedisse erros na seleção dos surdos destinados ao aprendizado com o método oral puro:

Seria cometer um erro grave acreditar que é suscetível ou não de instrução oral o surdo-mudo que mais ou menos possui faculdade auditiva. Este erro não pode ser cometido impunemente, a partir do momento em que nossa prática nos mostra de uma parte alguns surdos perfeitamente capazes de fazer com que funcionem todas as esferas da faculdade da locução através de estímulos suplementares (toque e visão); e de outra parte, alguns surdos que são surdos pela simples razão de que não têm nada para escutar devido a deficiência ou a grave anomalia que existe na sua esfera de coordenação, entre os símbolos da fala física e aqueles do *verbum mentis*. No entanto, para atingir um diagnóstico que permita esta seleção rigorosamente científica, os médicos e os educadores não devem ser separados. Sua obra deve ser cumprida necessariamente em colaboração (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 203).

A 8ª deliberação da Seção dos Ouvintes do Congresso de Paris, votada após a argumentação de Ferreri, mostra como se oficializa uma aproximação entre medicina e pedagogia, constituindo-se como um campo híbrido de ver e saber sobre a educação dos “anormais” surdos, tendo em vista a sua integração na sociedade. O Sr. Gustave Alphonse Bager, diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Asnières, vice-presidente do congresso, e personalidade de forte influência nos meios políticos franceses, formulou a deliberação ressaltando que assim faria juz à argumentação do padre italiano: “Que a ciência médica e a pedagogia, os médicos e professores dos institutos, prestem-se apoio mútuo para dar continuidade aos estudos de aperfeiçoamentos nos quais pode ser suscetível a educação física, intelectual e profissional dos surdos-mudos” (LACHARRIÈRE *et al.*, 1900, p. 204).

### **3 Considerações finais: O invisível visível**

*Há histórias tão verdadeiras que parecem inventadas  
Não preciso do fim para chegar*

*Do lugar de onde estou já fui embora.  
(Manoel de Barros - O livro sobre nada).*

Sessenta anos depois, na obra *O nascimento da clínica*, Foucault convoca-nos a olhar para a verdade que produz vidas (im/des) possíveis com a aproximação da medicina com a pedagogia. Entendendo a surdez como experiência que atravessa e produz formas de vidas surdas, não negamos que ela também possa ser olhada por uma perspectiva audista, uma vez que em nosso tempo há vários campos de saberes da medicina que se debruçam para entendê-la e, assim, ao esquadrihá-la, poder consertá-la até porque “a figura do invisível visível organiza a percepção anátomo-patológica” (FOUCAULT, 2004, p. 188). Porém, continuamos com Foucault quando entendemos que:

[...] trata-se também , do invisível das modulações individuais, cuja elucidação parecia impossível [...] e que o esforço de uma linguagem incisiva, paciente e roedora, oferece finalmente, à clareza comum do que é para todos visível. A linguagem e a morte atuaram, em cada nível dessa experiência e segundo toda a sua espessura, para finalmente oferecer uma percepção científica o que durante muito tempo tinha permanecido como o invisível visível - proibição e iminente segredo: o saber sobre o indivíduo (FOUCAULT, 2004, p. 188-189).

Nosso objetivo principal neste texto foi mostrar a emergência da aproximação dos saberes anátomo-patológicos sobre a surdez e como se alinhavam às práticas pedagógicas produzidas a partir do método oral puro. Defendemos que tal método não está apenas enlaçado a uma perspectiva clínico-terapêutica sobre a surdez e que esta perspectiva não nasce com o Congresso de Milão em 1880, mas existem certas verdades que foram sendo produzidas e proliferadas de forma desatentas com as fontes primárias. A perspectiva clínica vai se aproximando devagar à medida que a medicina vai ganhando força, se tornando básica para o alargamento da vida e controle da população.

Ao exumar alguns cadáveres, pudemos ver e saber para que tornem visíveis os invisíveis documentos não traduzidos, principalmente da língua francesa e, por isso, não conhecidos para serem tomados como fontes de pesquisa a fim de mostrar que a ideia do modelo clínico-terapêutico em oposição ao modelo sócio-antropológico não se sustenta com seus principais argumentos baseado na narrativa clássica de que após Milão (1880) “TUDO” sobre a surdez era clínico e que apenas no século XX e XXI a perspectiva sócio-antropológica surge. Esse hiato entre 1880 e o final do século XX é preenchido por muitas discussões ora pedagógicas, ora clínicas, ora antropológicas e ora todas juntos em vários congressos, tanto de professores de surdos quanto nos de surdos realizados no século XIX.

Escolhemos aqui trazer as atas oficiais de Pasquale Fornari (traduzidas do italiano e do francês para a língua portuguesa, porém ainda não publicadas) sobre o Congresso de Milão, além de recordar de dois congressos anteriores, como o de 1878, ocorrido em Paris, e o de 1879, ocorrido em Lyon, mostrando que mesmo antes de Milão o método oral puro era debatido sem consensos, como se supõe.

Também trazemos à tona o Congresso de 1900, ocorrido em Paris, elegendo a seção dos ouvintes (traduzidas na série histórica do INES, vol. 5) com nossas desconfianças sobre o porquê a seção dos surdos<sup>6</sup> não ter sido traduzida para o português, mas que ocorreu nas mesmas datas, para mostrar como ambas, medicina e pedagogia, se fundem 20 anos após Milão, mostrando que essa aproximação se dá antes e se solidifica após este congresso tão proliferado como marco da perspectiva clínica sobre a surdez.

Assim, finalizamos com Manoel de Barros a partir do momento em que nos deslocamos e olhamos com desconfiança aquilo que é narrado como verdade. Ou seja, retomamos com o poeta que há histórias tão verdadeiras que parecem ser inventadas e, por isso, não precisamos do fim para chegar, para que assim, do lugar de onde estamos, vamos logo embora.

## Referências

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERREIRA BRITO, Lucinda. Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro: Babel editora, 1993.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005a.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2005b.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983 -1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

QUADRO, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

---

<sup>6</sup> Para compreender melhor sobre a seção dos surdos do congresso de Paris em 1900, ver os trabalhos: RODRIGUES, José Raimundo. *As seções de surdos e de ouvintes no congresso de Paris (1900):* problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação de mestrado, UFES, 2018. <[https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal/tese\\_12839\\_A%20se%20do%20Congresso%20de%20Paris%20-%20finalizado.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_12839_A%20se%20do%20Congresso%20de%20Paris%20-%20finalizado.pdf)>

E também no artigo: RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne M. da C.; VIEIRA, Eliane Telles de Bruim. Congresso de Paris (1900): a seção de surdos e sua atualidade em relação à educação de surdos. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2020. <<https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e095>>

LACHARRIÈRE, Ladreit de. *et all.* Congrès International pour l'étude des questions d'Education et d'Assistance des sourds-muets les 6, 7 e 8 août 1900 au palais des Congrès de L'Exposition. Compte rendu des travaux de la section des entendants. Tradução In: Congresso Internacional para o estudo das questões de educação e de assistência de surdos-mudos - Rio de Janeiro: INES, 2013 (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; vol. 5).

LANE, Harlan. A máscara da Benevolência: comunidade surda amordaçada. Portugal: Coleção Horizontes Pedagógicos, 1992.

LE GOFF, Jaques. História e memória. 7ª ed. revista. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

ROBIN, R. (2016). A memória saturada. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.

RICHARD, J. B. (1845). Enrichissement de la langue française: dictionnaire de mots nouveaux. Paris: Léautey. <<https://archive.org/details/enrichissementd00richgoog>>

SANCHEZ, Carlos. La increíble y triste historia de la sordera. Cerrosord. 1990.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das letras: 1998.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, Carlos (Org.). Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

RODRIGUES, José Raimundo. As seções de surdos e de ouvintes no congresso de Paris (1900): problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação de mestrado, UFES, 2018. <[https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal/tese\\_12839\\_A%20se%20E7%E3o%20dos%20surdos%20e%20a%20se%20E7%E3o%20dos%20ouvintes%20no%20Congresso%20de%20Paris%20-%20finalizado.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_12839_A%20se%20E7%E3o%20dos%20surdos%20e%20a%20se%20E7%E3o%20dos%20ouvintes%20no%20Congresso%20de%20Paris%20-%20finalizado.pdf)>

RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa. Primeiro congresso nacional para o melhoramento das condições dos surdos-mudos - Lyon - 1879. História da Educação, vol. 23. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. <<https://www.redalyc.org/journal/3216/321660471051/html/>>

RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa; VIEIRA, Eliane Telles de Bruim. Congresso de Paris (1900): a seção de surdos e sua atualidade em relação à educação de surdos. Revista Brasileira de História da Educação, 2020. <<https://doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e095>>

VIEIRA, Eliane Telles de Bruim. Práticas pedagógicas na educação de surdos: circuitos de transnacionalização entre documentos-monumentos, regularidades discursivas e contracondutas em questão. Vitória/ES: Tese doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, 2022. <[https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal/tese\\_16229\\_Tese%20Eliane%20Vieira%20Finalizada%20Atual.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_16229_Tese%20Eliane%20Vieira%20Finalizada%20Atual.pdf)>

VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da Costa; MATTOS, Leila Couto. Na presença da outra o encontro comigo: da história da educação de surdos às histórias de nossas vidas. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2019.

VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da Costa; RODRIGUES, José Raimundo. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880): um desafio historiográfico. (2022). Revista Brasileira de História da Educação, 22. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e202>

*Submetido: 20/08/2023*

*Aceito: 10/11/2023*